

Carta de António Sérgio a Azevedo Gomes

-Cópia-

26-4-39

Querido Amigo

O que me comunicou acerca da maneira como o Câmara Reys recebeu o seu relatório enche-me de espanto. Foi êle quem teve a idea de o tomar a si para juiz; foi êle quem o propôs para êsse papel; eu aceitei se bem que me parecesse não haver necessidade de juiz algum, e dever êle fazer para comigo o que eu sempre fiz para com êle: respeitar o seu desejo e o seu critério - em attitude de perfeita camaradagem - e fazer-lhe a vontade (exemplo: caso Francine Benoit); êle tinha, pois, obrigação moral estrita de respeitar o julgamento do juiz que êle próprio propusera. Sabe o meu Amigo como eu tenho cedido em tudo, completamente, com o mais inteiro espirito de conciliação, desde que estas dificuldades começaram. O caso só pode levar-me a concluir que se apossou de Câmara Reys um ódio cego contra mim, uma paixão vivíssima de me hostilizar, perseguir e agravar, por todos os modos, sem olhar á natureza dos processos, por mais absurdos e descompassados que sejam. O relatório do Rodrigues Lapa, membro do conselho de gerencia da Empresa e chamado como tal a êste problema (que nada tem de administrativo, e que diz respeito á revista, e não á Empresa) generaliza á gerencia e á Empresa essa attitude de hostilidade contra mim, e mostra-me que na as minhas relações futuras com a Empresa não poderao ser infelizmente de amizade, mas puramente comerciais. E lembrar-me que tanta dedicacão mostrei á administração da Empresa, que tanto me sacrifiquei e me estou ainda sacrificando por ella, pois que, achando-me em situação financeira bem apertada, me poderia encontrar á larga, se houvesse confiado a outro editor a publicação dos meus textos! Não percebo que tem a gerencia com o caso de que agora se trata, e porque é que o facto de ser membro do conselho de gerencia da ao Rodrigues Lapa o direito de intervir, mas não o dá ao F. Duarte, igualmente membro dêsse conselho! Qual foi o critério para excluírem êste ultimo?

Não aceito tal posição do problema. Quem tem agora de ser ouvido são os tres directores ausentes da revista. Para êste apelo, a fim de escolherem entre mim e o Santana. Se a maioria dos directores da revista decidir contra mim, abandonarei então a SEARA, satisfazendo o que parece ser o grande desejo do Câmara Reys.

Rogo-lhe que nôte o perfeito contraste entre o meu procedimento e o do Câmara Reys. Quando êste desejou que a Dona Francine Benoit fôsse excluída da colaboração da revista (e foi o próprio Câmara Reys quem me pôs em contacto com a mesma Senhora, e por isso, e com plena aprovaçãõ d'êle, lhe pedi colaboração) eu não levantei o menor obstáculo, nem pedi julgamento: fiz-lhe immediatamente a vontade.

Peço-lhe que dê communicacão desta carta ao Câmara Reys e que me creia muito grato amigo e dedicado admirador

Antonio Sérgio

[p.1]

Carta de António Sérgio a Azevedo Gomes

-Cópia-

26-4-39

Querido Amigo

O que me comunicou acerca da maneira como o Câmara Reys recebeu o seu relatório enche-me de espanto. Foi êle quem teve a ideia de o tomar a si para juiz; foi êle quem o propôs para êsse papel; eu aceitei se bem que me parecesse não haver necessidade de juiz algum, e dever êle fazer para comigo o que eu sempre fiz para com êle: respeitar o seu desejo e o seu critério - em attitude de perfeita camaradagem - e fazer-lhe a vontade (exemplo: o caso Francine Benoit); êle tinha, pois, obrigação moral estrita de respeitar o julgamento do juiz que êle próprio propusera. Sabe o meu Amigo como eu tenho cedido em tudo, completamente, com o mais inteiro espirito de conciliação, desde que estas dificuldades começaram. O caso só pode levar-me a concluir que se apossou de Câmara Reys um ódio cego contra mim, uma paixão vivíssima de me hostilizar, perseguir e agravar, por todos os modos, sem olhar á natureza dos processos, por

Carta de António Sérgio a Azevedo Gomes

-Cópia-

26-4-39

Querido Amigo

O que me comunicou acerca da maneira como o Câmara Reys recebeu o seu relatório enche-me de espanto. Foi ele quem teve a idea de o tomar a si para juiz; foi ele quem o propôs para esse papel; eu accitei se bem que me parecesse não haver necessidade de juiz algum, e dever áe fazer para comigo o que eu sempre fiz para com ele: respeitar o seu desejo e o seu critério - em attitude de perfeita camaradagem - e fazer-lhe a vontade (exemplo: caso Francine Benoit); ele tinha, pois, obrigação moral estrita de respeitar o julgamento do juiz que éle próprio propusera. Sabe o meu Amigo como eu tenho cedido em tudo, completamente, com o mais inteiro espirito de conciliação, desde que estas dificuldades começaram. O caso só pôde levar-me a concluir que se apossou de Câmara Reys um ódio cego contra mim, uma paixão vivíssima de me hostilizar, perseguir e agravar, por todos os modos, sem olhar á natureza dos processos, por mais absurdos e descompassados que sejam. O relatório do Rodrigues Lapa, membro do conselho de gerencia da Empresa e chamado como tal a êste problema (que nada tem de administrativo, e que diz respeito á revista, e não á Emprêsa) generaliza á gerência e á Emprêsa essa attitude de hostilidade contra mim, e mostra-me que na as minhas relações futuras com a Emprêsa não poderão ser infelizmente de amizade, mas puramente comerciais. E lembrar-me que tanta dedicação mostrei á administração da Empresa, que tanto me sacrifiquei e me estou ainda sacrificando por ela, pois que, achando-me em situação financeira bem apertada, me poderia encontrar á larga, se houvesse confiado a outro editor a publicação dos meus textos! Não percebo que tem a gerência com o caso de que agora se trata, e porque é que o facto de ser membro do conselho da gerencia dá ao Rodrigues Lapa o direito de intervir, mas não o dá ao F. Duarte, igualmente membro dêsse conselho! Qual foi o critério para exclu-irem êste ultimo?

Não aceito tal posição do problema. Quem tem agora de ser ouvido são os tres directores ausentes da revista. Para êste apelo, a fim de escolherem entre mim e o Santana. Se a maioria dos directores da revista decidir contra mim, abandonarei então a SEARA, satisfazendo o que parece ser o grande desejo do Câmara Reys.

Rogo-lhe que note o perfeito contraste entre o meu procedimento e o do Câmara Reys. Quando êste desejou que a Dona Francine Benoit fôsse excluída da colaboração da revista (e foi o próprio Câmara Reys quem me pôs em contacto com a mesma Senhora, e por isso, e com plena aprovação d'êle, lhe pedi colaboração) eu não levantei o menor obstáculo, nem pedi julgamento: fiz-lhe immediatamente a vontade.

Peço-lhe que dê comunicação desta carta ao Câmara Reys e que me creia muito grato amigo e dedicado admirador

Antonio Sérgio

[cont. p.1]

mais absurdos e descompassados que sejam. O Relatório do Rodrigues Lapa, membro do conselho de gerencia da Empresa e chamado como tal a êste problema (que nada tem de administrativo, e que diz respeito á revista, e não á Emprêsa), generaliza á gerência e á Emprêsa essa attitude hostilidade contra mim, e mostra-me que as minhas relações futuras com a Emprêsa não poderão ser infelizmente de amizade, mas puramente comerciais. E lembrar-me que tanta dedicação mostrei á administração da Empresa, que tanto me sacrifiquei e me estou ainda sacrificando por ela, pois que, achando-me em situação financeira bem apertada, me poderia encontrar á larga, se houvesse confiado a outro editor a publicação dos meus textos! Não percebo que tem a gerência com o caso de que agora se trata, e porque é que o facto de ser membro do conselho da gerencia dá ao Rodrigues Lapa o direito de intervir, mas não o dá ao F. Duarte, igualmente membro dêsse conselho! Qual foi o critério para exclu-irem êste ultimo?

Não aceito tal posição do problema. Quem tem agora de ser ouvido são os três directores ausentes da revista. Para êstes apelo, a fim de escolherem entre mim e o Santana. Se a maioria dos directores da revista decidir contra mim, abandonarei então a SEARA, satisfazendo o que parece ser o grande desejo do Câmara Reys.



Carta de António Sérgio a Azevedo Gomes

-Cópia-

26-4-39

Querido Amigo

O que me comunicou acerca da maneira como o Câmara Reys recebeu o seu relatório enche-me de espanto. Foi ele quem teve a ideia de o tomar a si para juiz; foi ele quem o propôs para esse papel; eu aceitei se bem que me parecesse não haver necessidade de juiz algum, e dever-me fazer para comigo o que eu sempre fiz para com ele: respeitar o seu desejo e o seu critério - em atitude de perfeita camaradagem - e fazer-lhe a vontade (exemplo: caso Francine Benoit); ele tinha, pois, obrigação moral estrita de respeitar o julgamento do juiz que ele próprio propusera. Sabe o meu Amigo como eu tenho cedido em tudo, completamente, com o mais inteiro espírito de conciliação, desde que estas dificuldades começaram. O caso só pôde levar-me a concluir que se apossou de Câmara Reys um ódio cego contra mim, uma paixão vivíssima de me hostilizar, perseguir e agravar, por todos os modos, sem olhar à natureza dos processos, por mais absurdos e descompassados que sejam. O relatório do Rodrigues Lapa, membro do conselho de gerência da Empresa e chamado como tal a este problema (que nada tem de administrativo, e que diz respeito à revista, e não à Empresa) generaliza a gerência e à Empresa essa atitude de hostilidade contra mim, e mostra-me que na as minhas relações futuras com a Empresa não poderão ser infelizmente de amizade, mas puramente comerciais. É lembrar-me que tanta dedicação mostrei à administração da Empresa, que tanto me sacrifiquei e me estoei ainda sacrificando por ela, pois que, achando-me em situação financeira bem apertada, me poderia encontrar à larga, se houvesse confiado a outro editor a publicação dos meus textos! Não percebo que tem a gerência com o caso de que agora se trata, e porque é que o facto de ser membro do conselho de gerência dá ao Rodrigues Lapa o direito de intervir, mas não o dá ao F. Duarte, igualmente membro desse conselho! Qual foi o critério para exclu-irem este último?

Não aceito tal posição do problema. Quem tem agora de ser ouvido são os três directores ausentes da revista. Para este apelo, a fim de escolherem entre mim e o Santana. Se a maioria dos directores da revista decidir contra mim, abandonarei então a SEARA, satisfazendo o que parece ser o grande desejo do Câmara Reys.

Rogo-lhe que note o perfeito contraste entre o meu procedimento e o do Câmara Reys. Quando este desejou que a Dona Francine Benoit fôsse excluída da colaboração da revista (e foi o próprio Câmara Reys quem me pôs em contacto com a mesma Senhora, e por isso, e com plena aprovação d'ele, lhe pedi colaboração) eu não levantei o menor obstáculo, nem pedi julgamento: fiz-lhe imediatamente a vontade.

Peço-lhe que dê comunicação desta carta ao Câmara Reys e que me creia muito grato amigo e dedicado admirador

Antonio Sérgio

[cont. p.1]

Rogo-lhe que note o perfeito contraste entre o meu procedimento e o do Câmara Reys. Quando este desejou que a Dona Francine Benoit fôsse excluída da colaboração da revista (e foi o próprio Câmara Reys quem me pôs em contacto com a mesma Senhora, e por isso, e com plena aprovação d'ele, lhe pedi colaboração) eu não levantei o menor obstáculo, nem pedi julgamento: fiz-lhe imediatamente a vontade.

Peço-lhe que dê comunicação desta carta ao Câmara Reys e que me creia muito grato amigo e dedicado admirador

António Sérgio